

O discurso político e a "revolução democrática" em Portugal: Análise dos discursos presidenciais de Ramalho Eanes e Mário Soares

Marta Santos Vieira

Doutoranda, CICANT/Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Portugal

marta.vieira@ulusofona.pt

Cláudia Álvares

Doutorada, CICANT/Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Portugal

claudia.alvares@ulusofona.pt

RESUMO

Este artigo pretende investigar a construção do conceito de democracia nos discursos dos dois presidentes portugueses, Ramalho Eanes e Mário Soares, no período que marca a consolidação da democracia após a autocrática ditadura de Salazar e Caetano que durou quase cinco décadas.

O nosso objetivo é caracterizar o discurso presidencial de Ramalho Eanes e Mário Soares, e observar o lugar que o conceito de democracia ocupa nesse discurso e a forma como é abordado.

Com este artigo pretendemos apurar como se manifestam as crenças, os assuntos estratégicos e a liderança retórica de Ramalho Eanes e Mário Soares, e onde convergem ou divergem as suas prioridades políticas?

Key-words: Discurso Político, Presidente da República,

democracia, liderança e análise de conteúdo

ABSTRACT

This paper aims to analyze the discursive construction of democracy in the discourses of two Portuguese presidents, Ramalho Eanes and Mário Soares, in a period which marks the consolidation of democracy subsequent to Salazar and Caetano's autocratic right-wing dictatorship which lasted nearly five decades.

Our aim is to characterize the discourse of presidents Ramalho Eanes and Mário Soares and observe the place that the concept of democracy holds in that discourse and how it is approached. With this article we intend to determine how to manifest beliefs, strategic issues and leadership Ramalho Eanes rhetoric and Mário Soares, and find where converge or diverge their political priorities?

Key Words: Political discourse, President, democracy, leadership and content analysis

Introdução

Este artigo é parte de uma investigação que estamos a desenvolver no âmbito da tese de doutoramento e pretende analisar alguns dos discursos dos dois presidentes da república portuguesa, Ramalho Eanes e Mário Soares, num concreto momento (1976-1996), para perceber como evoluiu a construção do conceito de democracia e como ele contribuiu para a consolidação de um perfil democrático em dois protagonistas políticos tão peculiares, o que nos leva a imediatamente questionar se não terão eles fornecido a base para um arquétipo de liderança presidencial em relação à qual as lideranças futuras seriam avaliadas.

Adotando a metodologia de análise de conteúdo e o programa de tratamento qualitativo de dados Web QDA (Neri de Souza, Costa, e Moreira: 2011) vamos procurar encontrar as respostas para a nossa questão.

O nosso *corpora* são quatro discursos dos Presidentes da República de Portugal, Ramalho Eanes e Mário Soares, proferidos por ocasião do "25 de abril", no período de 1976 a 1996, onde se pretende encontrar elementos

caracterizadores do conceito de democracia e assim como identificar as semelhanças e dissemelhanças nas duas lideranças.

1. O sistema e o regime: da democracia ao poder

A realização deste trabalho impõe que se passe em revista aquilo que tem sido feito em Portugal mas também na Europa e nos EUA acerca da temática do presidente da república, designadamente, como é que os conceitos teóricos relevantes têm sido enunciados, o que é que a literatura nos indica, em termos de lacunas que necessitem de ser pesquisadas, e até que ponto o nosso trabalho vai nesse caminho.

Assim, pela revisão de literatura que efetuámos percebemos duas coisas: a primeira é que não existe nenhum trabalho académico em Portugal com o enfoque que pretendemos desenvolver (pelo menos tendo em conta a consulta a diversas bases de dados – PORBASE – e as extensas pesquisas que fizemos), ou seja, assente exclusivamente nos discursos políticos dos Presidentes da República; e a segunda é que os trabalhos académicos existentes em Portugal sobre os discursos políticos dos Presidentes da República [Serrano, Estrela (2000, 2002, 2006); Espírito Santo, Paula (2006, 2007, 2008 e 2010) e Delgado, Susana (2007, 2010)] são pouquíssimos, no caso de Mário Soares, e inexistentes, no caso de Ramalho Eanes, ou, pelo menos, nós não encontramos nenhum registo até esta data.

Estrela Serrano desenvolveu o seu trabalho de investigação académica centrada em dois aspectos: o aparelho de comunicação do Presidente da República e as presidências abertas, sempre no intuito de demonstrar que existe uma estratégia de comunicação da presidência de Mário Soares. No primeiro (Serrano, 2002) analisou os aparelhos de comunicação dos dirigentes políticos, que ocupam um lugar central, e observou i) a forma como os líderes se relacionam com os aparelhos e como estes transmitem a sua mensagem, e ii) a forma como os líderes, apoiados no aparelho, interagem com os destinatários da mensagem. No segundo (Serrano; 2006) analisou a cobertura jornalística das campanhas eleitorais para a eleição do Presidente da República, procurando estabelecer uma relação que permita a compreensão das configurações assumidas pela política na contemporaneidade, especialmente nas democracias ocidentais, onde as eleições são o instrumento pelo qual se fazem as escolhas políticas.

Paula Espírito Santo analisou o conteúdo dos discursos de tomada de posse dos Presidentes da República (Espírito

Santo, 2006), desde as primeiras eleições presidenciais portuguesas, isto é, de 1976 até 2006, com o objetivo de caracterizar as tendências de comunicação, num plano sociopolítico, partindo do pressuposto que a comunicação do Presidente da República é importante e reflete o desenlace sucessivo e permanente da construção do Estado Português.

Assim, e apesar de em Portugal vigorar um sistema político de regime semipresidencialista, a gestão política do Estado está a cargo de dois órgãos: a Assembleia da República que assume a definição das estratégias de gestão e o Presidente da República que, detendo um papel mais simbólico ao nível da representação nacional, é o garante da estabilidade democrática e do equilíbrio de poderes entre os diversos órgãos de soberania do Estado. Espírito Santo quis demonstrar que o conteúdo dos discursos de tomada de posse presidenciais, refletiam e simbolizavam, exatamente, a evolução de valores políticos e sociais.

Susana Salgado (Salgado, 2007, 2010) analisou as notícias publicadas na imprensa relativa às eleições presidenciais de 2006 e o modo como estas influenciavam o sentido de voto. Para a autora, estamos diante um jornalismo interpretativo onde construir cenários é normal assim como antecipar situações para os media, ou seja, publicar notícias factuais sobre o que aconteceu mas também sobre o que poderá acontecer.

Estas são as referências a nível nacional que apuramos referentes ao Presidente mas se nos debruçarmos sobre a temática a nível internacional, muito tem sido feito, por ex. nos Estados Unidos da América os discursos dos presidentes são poderosas ferramentas de comunicação política e de gestão e de direção política do Estado, pelo que são objeto de análise quase imediata à sua exibição enunciação.

Schonhardt-Bailey e Yager (Schonhardt-Bailey e Yager, 2011) analisaram o texto dos discursos dos líderes Reagan e Thatcher para apurar onde convergiam e divergiam as suas prioridades pois o seu objetivo era medir qual dos dois tinha mais prioridades nacionais. Concluíram que eles divergiam na 'filosofia política' e nas 'prioridades políticas' e que isso se refletia nos estilos de liderança. Por exemplo, para Reagan a convicção surgia muito próxima das ideias espirituais enquanto para Thatcher a convicção refletia mais uma determinação para prosseguir os esforços de implementação da sua agenda legislativa. Em suma, eles eram diferentes, enquanto Reagan colocava o seu enfoque na inspiração, Thatcher centrava-se na reforma administrativa com vista à eficácia dos públicos britânicos

Seyranian e Bligh (Viviane Seyranian, Michelle C. Bligh, 2008) analisaram as diferenças entre líderes carismáticos e líderes não-carismáticos e as técnicas retóricas utilizadas para motivar os outros à mudança social e concluíram que os líderes carismáticos usam artifícios retóricos específicos para atingir os seus objetivos. Com este estudo pretendiam saber como os líderes carismáticos podem influenciar a mudança social e com os resultados obtidos criaram uma grelha com os constructos das estratégias retórica muito interessante. Para este artigo é o Presidente da República Portuguesa que interessa, o seu discurso político o objeto e os nossos propósitos aquilo que vamos prosseguir.

Voltando agora ao nosso artigo, o que pretendemos analisar é o discurso político presidencial para perceber como ele contribui para o constructo da democracia e apurar como concorre para a construção de um arquétipo da figura de "Presidente".

Deste modo, para o fazermos vamos recorrer ao conceito de poder – que tem sido problematizado por vários autores - que no nosso trabalho assume um papel central, aqui entendido como autoridade, por duas razões: a primeira, terminológica pois existem inúmeras definições para esta palavra e, a segunda, decorre da anterior, é que o conceito de "poder carismático" weberiano constituir a base teórica da nossa matriz conceptual. Pretendemos potenciar um modelo caracterizador das lideranças (grelha categorização) que nos ajude a entender como foi construído o conceito de democracia.

Para Max Weber o poder político desempenha uma função social e, simultaneamente, é o canal pelo qual se dá a tomada de decisões na sociedade civil, razão que, per si, implica a articulação de dois modelos: um, de autoridade, justificado pela prestação de serviço aos subordinados, que aceitam obedecer por reconhecerem essa vantagem e sentirem o dever moral de o fazer: e, outro, de poder e força, que impõe a obrigação de todos se subordinarem às decisões que implicam o conjunto do colectivo. É, por isso, natural que o poder político assuma diferentes configurações, desde o maximamente legitimado até ao outro extremo, em que o poder político, por não ser legítimo, só pode existir por recurso à 'força bruta'.

Para ele o conceito de poder está igualmente associado a um outro, o de "carisma" que, por ser um elemento permanentemente promotor de relações de poder, acaba por ser uma forma pura de dominação legítima, permitindo-nos equipará-lo ao conceito de poder, quase como um sinónimo. De facto, o que os liga não é tanto o facto de ambos se basearem na crença, no profeta ou no reconhecimento pessoal do herói (*este fruto de dedicação, devoção ao inaudito, glorificação ao extraordinário,*

e seguidores, o que implica vocação, sobretudo em momentos de crise quando nasce o líder carismático) mas antes terem um carácter eminentemente autoritário e dominador (Ghislandi, 2007). A dominação carismática assenta no carisma pessoal e subverte o passado e, neste sentido, ela é revolucionária, opondo-se à dominação racional (visível nos Estados democráticos-liberais estabelecidos na Europa depois das revoluções americana e francesa) e à dominação burocrática, baseada na competência, nas Leis e nas regras, bem como na dominação tradicional (reencontra-se na feudalidade e nas monarquias), e, de um modo especial opõe-se à dominação patriarcal, patrimonial ou de status, que, apesar de ligada aos precedentes do passado, vive da sua articulação com as tradições.

Portanto, segundo Weber é líder carismático quem é dotado de um conjunto de poderes excepcionais, qualidades sobrenaturais e sobre-humanas com base na inacessibilidade, exemplaridade e origem divina. E são esses poderes mágicos que legitimam o "líder carismático" a exercer influência sobre os demais e, simultaneamente, justificam a sua liderança. O líder reflete ideais culturais, ele é o herói. Por isso, todo o envolvimento do líder com os seus governados (audiência/espectador), designadamente através de um discurso, onde partilha algumas identidades básicas, denota, por um lado, preocupação na sua adequação às conjunturas locais e regionais, e, por outro, interesse em manter, mas sobretudo aumentar, a sua base de apoio porque é isso que lhe garante o poder (Bord, 2011).

Não podemos porém ignorar que o carisma político assenta em reconhecimento, dedicação, seguidores, devoção ao inaudito, glorificação ao extraordinário, o que implica muita vocação, porque o líder carismático só nasce de momentos de crise (Camurça, 1986). Portanto, em tempos de relativa estabilidade, toda a questão se torna irrelevante, simplesmente porque a perspectiva de haver alternativas desvanece qualquer hipótese de colher apoios dos governados/audiência. Apesar de as condições de crise social e mudança reduzirem drasticamente as perspectivas alternativas, elas, por si só, não são suficientes para produzir uma total influência carismática (Bord, 2011).

Então qual a autoridade do poder político? Porque se é verdade que é extremamente dificilmente conseguir distinguir, observar, explicar ou avaliar o poder político senão pelas suas manifestações e realizações exteriores, i.e. pela representação, então como se explica que possa passar despercebida a autoridade carismática dos líderes? A resposta parece ser simples: quanto mais relevante e significativa for a mensagem transmitida para os

governados (audiência/espectador), maior dimensão e importância ganha o representante da autoridade e do poder, ou seja, o líder (Friendland, 1964).

Neste contexto, é preciso então conhecer que relação existe entre o carácter da sua autoridade e a sua força/importância. A força carismática é o output da política e de toda a dedicação e empenho à causa. E, ainda que seja correto que esta resulte do reconhecimento (Ghislandi, 2007), sem a subordinação de um número considerável de indivíduos dispostos a segui-lo, tudo fica posto em causa.

Isto porque o poder, ou a capacidade de se fazer obedecer, quer para governante como para governados, assenta em diferentes motivos de acatamento, desde razões jurídicas até às de legitimidade, e o abalo desta fé legitimadora tem habitualmente consequências de vasto alcance. No limite podemos até dizer que a força da sua autoridade se fundamenta nos estados afetivos de forte entusiasmo, ou desespero e esperança, pelo que apenas durará enquanto o líder conseguir prever o bem-estar dos seus seguidores pois se assim não acontecer o seu carisma abandona-o.

A obediência à pessoa decorre única e exclusivamente das regras estatutárias que determinam a quem e enquanto se lhe deve obedecer por isso, quem ordena obedece também, este é um princípio basilar (Trad. Mourão, 2005, Weber). Obedece-se pelas qualidades pessoais extraordinárias e sobre-humanas do líder carismático que não permitem que seja abandonado pelo seu deus, ou despojado da sua força heroica e da fé das massas nas suas qualidades de chefia, também desvanece o seu poder. A sua legitimação assenta na sua qualificação carismática. Agora convém referir que este poder carismático no estado puro tem um carácter plenamente autoritário e dominador.

Para Weber o político carismático é produto da cidade, do Estado Ocidental. Ele assenta na fé, no reconhecimento, mas essencialmente na comprovação da evidência que é o êxito e a prosperidade. A dominação carismática assenta no carisma pessoal de alguém, subverte o passado, sendo neste sentido especificamente revolucionária (manifesta-se nas ditaduras e fascismos atuais).

Concluimos pois que o carisma é uma verdadeira força revolucionária na História que, quando bem sucedida, transforma todos os valores e quebra todas as normas tradicionais e racionais. No entanto, e porque é uma força revolucionária, instável, a sua dominação tende a ser de curta duração. Mais tarde volta a emergir e dá-se a chamada '*rotinização*' de carisma. Por isso, é preciso estar atento porque as mudanças na estrutura social fazem emergir e gerar incipientes carismáticos, embora ainda se tenha de apurar as reais circunstâncias em que surgem. Eles desenvolvem-se genuinamente,

em consonância com um sentido de consciencialização mas também de aventura onde o perigo espreita e isso leva-os a colherem apoios dos indivíduos que com isso se identificam, reconhecendo o seu valor e por isso tornando-se seus seguidores.

2. Conceptualização metodológica

Neste trabalho a metodologia que vamos utilizar é a análise de conteúdo por nos permitir investigar um número alargado de discursos políticos, que de outra forma não seria possível, mas também porque ela dispõe de um conjunto de técnicas que se ajustam às diferentes necessidades que vamos ter ao longo do trabalho (Bardin, 2012).

Pretendemos compreender e conseguir deslindar como é construído o conceito de democracia no discurso político presidencial no período que se iniciou com o 25 de Abril, e a que nós chamamos "Revolução Democrática", especialmente atendendo ao contexto sociopolítico da época, por ser neste âmbito que se fundamenta o acontecimento relevante em Portugal.

Queremos identificar um conjunto de indicadores significativos que admitam a elaboração de uma grelha que nos ajude a definir e a categorizar o conceito de democracia, isto partindo do pressuposto que este é um constructo formado no próprio ato discursivo e que não existe como algo 'exterior' ao discurso. Vamos considerar também, nesta evolução do conceito, o modo como os elementos que o integram se relacionam entre si por ser essencial para a compreensão da liderança de cada um dos protagonistas políticos.

Ainda, e complementarmente utilizámos o webQDA, *software* acessível através da Internet, que nos oferece inúmeras vantagens no tratamento e análise de dados qualitativos para além de ajudar a desmistificar a subjetividade dos resultados podendo até estes ser enriquecidos pela multiplicidade isto, obviamente, sem descurar a necessária compreensão e contextualização. A contextualização é difícil por estar intrinsecamente associada ao quadro teórico de análise, definições e conceitos, bem como com todas as demais relações que se estabeleçam com as questões de investigação que interessam à pesquisa (Neri de Souza, Costa, e Moreira: 2011).

Com esta análise desejamos conseguir construir uma grelha/matriz que caracterize o conceito de democracia mas simultaneamente aponte algumas dissemelhanças entre as lideranças dos dois protagonistas políticos

Neste artigo analisamos um recorte da amostra da nossa

investigação sendo o *corpora* composto por quatro discursos proferidos pelos Presidentes da República Ramalho Eanes e Mário Soares, por ocasião da celebração do "25 de abril", no período em análise (1976-1996).

3. O constructo da democracia - análise e discussão dos resultados

O período saído da revolução de abril trouxe uma nova conjuntura a Portugal, caracterizada pela intensa agitação social e pela crise política, reflectida nas décadas subsequentes (1976-1996) onde a democracia surge como marca indissociável do Estado de Direito no âmbito da acção presidencialista.

Desta forma a democracia e o poder que decorrem de uma figura que representa e consubstancia a vontade popular, como o Presidente da República, tornam-se um elemento central num contexto específico onde o Estado democrático, incipiente, se tentar edificar.

Ora se o discurso político incorpora a história do local onde se inscreve, ele tem por objetivo agir sobre a realidade social e neste sentido ele é um elemento absolutamente central na construção do conceito de democracia. Ao período que se iniciou com o 25 de Abril nós chamaremos "Revolução Democrática", por analogia à designação atribuída por Schonhardt-Bailey e Yager (2011) aquando da análise comparativa dos discursos de Ronald Reagan e Margaret Thatcher designou a 'revolução conservadora', mas sobretudo por ser um momento que se caracteriza pela necessidade de redefinição da esfera pública formal.

Este artigo analisa os discursos políticos do 25 de abril dos Presidentes da República, Ramalho Eanes e Mário Soares, inseridos num contexto histórico e numa conjuntura sociopolítica muito particulares.

Ramalho Eanes foi o primeiro Presidente da República eleito por sufrágio direto e universal e teve a braços a difícil missão de ocupar a Presidência após o chamado 'Processo Revolucionário' (1974-1975). Com um sistema democrático ainda embrionário, com pesadas heranças e impasses herdados do período anterior, ele acaba por se confrontar nos seus mandatos com uma forte instabilidade política onde a rotatividade dos líderes políticos não conferia as condições ideais de governabilidades.

Durante os seus dois mandatos o Presidente Eanes empossou dez primeiros-ministros num clima de forte instabilidade política, por contraposição ao Presidente Soares que empossou dois e num ambiente

socioeconómico mais favorável, com os ventos que sopravam da Europa e a entrada na Comunidade Económica Europeia (ver coabitação de mandatos dos Presidentes Eanes e Soares com os Primeiros-Ministros na Figura 1).

Debruçando-nos agora sobre os discursos políticos importa salientar que são 'eventos' formais solenizados, onde a mensagem e destinatários são cuidadosamente estudados, assim como a forma, muitas vezes mais que o conteúdo. O discurso tem a sua força e dimensão materializada na formação da opinião pública.

Vamos agora passar à **análise da construção do conceito de democracia** nos discursos presidenciais de Eanes e Soares ao longo de duas décadas (1976/1996), para posteriormente os comparar, nas suas semelhanças e diferenças, e com enfoque para o período em que se tocaram no cargo (1985/1986).

Relativamente ao período em análise foram seleccionados quatro discursos, aqueles que entre si estavam, temporalmente, mais distanciados. Os eleitos foram o 1º discurso do 1º mandato e o último discurso do 2º mandato de cada um dos Presidente.

A Tabela 1 apresenta o resumo básico das estatísticas em webQDA referente ao nosso corpora. A contagem de palavras total para os discursos de ambos os líderes é 9.073 e destes 501 eram palavras originais que foram analisados pelo programa. A contagem de palavras em cada líder permite verificar que a extensão total dos discursos de Eanes é cerca de 40% superior à de Soares.

Os resultados apurados nos discursos definem características peculiares de cada um dos protagonistas, mas também do momento histórico em que o mesmo foi proferido. E não obstante o nosso enfoque estar colocado no conceito de democracia a chave que nos interessa é o nome do Presidente, uma vez que é o elemento que nos permite ligar cada tema ou a Eanes ou a Soares.

Os indicadores que encontramos nos discursos de Ramalho Eanes (RE) e Mário Soares (MS) foram os seguintes:

- 1) Negação (palavra "não" e todas as que utilizam elementos designativos de negação através do prefixos "in", "im", "irr" e "des"; e ainda de privação e disjuntiva "sem" e "nem");
- 2) Inclusão (palavras como "todos", "nosso", "nossa", "nós", "nos", "somos", etc);
- 3) Outgroup (opositores ao sistema);
- 4) Ingroup (a quem o discurso se dirige, seu grupo)

alvo);

- 5) Temas prioritários (nacionalismo, 25 de abril, antepassado/ditadura, projecto democrático (bases), mudança, dimensão internacional, futuro, pensar futuro/reflexões).

Passemos agora à análise mais detalhada dos indicadores dos discursos presidenciais e das suas respectivas categorias, o que faremos através da análise descritiva constante nas tabelas seguintes.

Tabela 1 – Indicador de Negação

Categoria	Análise descritiva
Padrão de contrações negativas ex. “não seria”, “não pode”, “não há”, “não aceita”	RE é extensivo na enunciação de expressões com funções negativas e no uso da palavra “não” já MS é mais parco no uso deste padrão mas, apesar disso, usou-o uma vez na 1ª pessoa (“não simpatizo”) por contraposição a Eanes que nunca sai da 3ª pessoa. Ambos aumentam o uso deste padrão entre o 1º e o 2º mandato – Eanes entre 1977 e 1985 e Soares entre 1986 e 1995.
Elementos designativos de negação – prefixos “in”, “im” e “ir”	Alguns dos ideais da revolução de abril são utilizados por RE com prefixos negativos (“injustiça”, “intolerância”, “insegurança”, “impõem”, “impedir” etc.) para marcar bem aquilo que antes havia mas que hoje não se aceita mais. Entre 1977 e 1985, e no mesmo tom, o uso de palavras com o prefixo “in” quase que duplica em RE. Em MS o processo é inverso, i.e. entre 1986 e 1995 houve uma quebra no uso do prefixo “in” mas, para além disso, ele também recorre a palavras com uma significação mais suave (“inequívoca”, “invejável”, “implica”.etc.) por oposição às empregues por Eanes acima referidas.

Tabela 1 – Indicador de Negação (cont.)

Elementos designativos de negação - prefixos “des” exprimem a noção de negação e separação ou cessação (desapontam); Exprime reforço (desencanto)	Nesta categoria RE é preponderante relativamente a MS, embora ambos evidenciem uma diminuição do emprego de palavras com prefixo “des” do 1º para o 2º mandato i.e. entre 1977 e 1985 (RE) e entre 1986 e 1995 (MS). A frequência de palavras conotadas simbolicamente com o período histórico é patente, em RE (1977-1985) “desbloqueamento” “desentendimento”, “desemprego”, “desrespeito”, “desfavorecidos”, “desequilíbrios” e em MS (1986-1995) “desigualdades”, “desacertos”, “descrentes”, “desgastantes”.
Elemento designativo de privação ou negação, “sem”	RE prevalece no uso da palavra “sem” em relação a MS. Verifica-se contudo uma situação curiosa: enquanto RE aumenta o seu uso entre 1987 e 1985 (passado de 4 para 7 ocorrências) MS diminui entre 1986 e 1995 (passando de 4 para 2 ocorrências).
Partícula disjuntiva e negativa “nem”	MS sobressai no uso desta palavra relativamente a RE no 1º mandato enquanto RE ressalta no 2º mandato. MS diminui o seu uso entre 1986 e 1995 (passando de 3 para 1 ocorrência) e RE aumenta entre 1987 e 1985 (passado de 1 para 5 ocorrências).

Tabela 2 – Indicador Inclusão

Categoria	Análise descritiva
Palavras que denotam uma identidade social compartilhada (“todos”, “nosso(s)”, “nossa(s)”, “nos”, “nós”, “seu(s)”, “sua(s)”, “todo”, “somos”, etc.	Esta categoria teve oscilações ao longo dos 4 discursos analisados. RE em 1977 utilizou um reduzido número de palavras (41) o que se compreende uma vez que a identidade social estava ainda em construção mas já em 1985 sobressai com o seu uso (77) o que se pode explicar pelo nível de desenvolvimento alcançado pelo país e pelas melhores condições económicas e financeiras. MS em 1986 mantém elevado o uso destas palavras (69), com o país a aderir à Comunidade Económica Europeia o espírito da identidade social manteve-se reforçado. Já o ano de 1995 foi aquele em que menos se investiu no emprego destas palavras (27) o que talvez se possa explicar quando analisarmos o ‘in-group’ de cada um dos protagonistas políticos. Os dois protagonistas reúnem características que os torna distintos e uma dessas diferenças é exactamente pelo envolvimento que estabelecem com os cidadãos por via do discurso, o qual serve para partilhar e reforçar alguns elementos identitários fundamentais ao sentimento de pertença ao grupo, fazendo-se assim denotar a sua preocupação em adaptar-se às diferentes conjunturas mas também - e sobretudo - em aumentar a sua base de apoio pois é isso que lhe garante o poder (Bord, 2011).

Tabela 3 – Indicador Out-group

Categoria	Análise descritiva
Referências aos opositores do sistema	Embora ambos os protagonistas manifestem poucas referências ao seu grupo externo (aqueles que se opõem ao Presidente) a verdade é que tanto RE como MS são muito parcimoniosos nas referências ao seu <i>out-group</i> . Não obstante RE é afirmativo (“profissionais do delito”, “minoría restrita”) por oposição a MS mais metafórico (“seguidismo amorfo”, “categorias rígidas de pensamento”).

Tabela 4 – Indicador In-group

Categoria	Análise descritiva
Todos aqueles a quem o discurso diz respeito e envolve	RE e MS identificam o “povo português” como seu grupo interno embora se perceba uma evolução terminológica de RE (“povo”, “população”, “compatriotas”) para MS (“cidadãos”, “patriotas”) nas classificações do seu <i>in-group</i> , colectivo personificado a razão para o exercício do seu poder. Mais uma vez se percebe que as palavras utilizadas estão correlacionadas com as épocas em que são proferidas, no caso de RE a carga simbólica era muito grande em torno das expressões utilizadas, no caso de MS, e talvez por ser mais recente, recorre a outras designações mais contemporâneas ao regime. RE é quem mais emprega estas referências e se compararmos o seu discurso de 1985 com o de MS de 1995 essa diferença sobe para mais do dobro.

Integramos nos indicadores o *in-group* e o *out-group* (Wodak, 2004) apesar de estarmos conscientes que, no caso da figura do presidente da república portuguesa, eles apenas poucos contributos nos podem trazer à análise, todavia ignorá-los também não nos pareceu a atitude adequada.

Tabela 5 – Indicador Temas Principais

Categoria	Análise descritiva
Nacionalismo (movimento social que consciencializa os indivíduos para os elos comuns que os unem)	O tema do nacionalismo é abordado por RE e MS nos seus discursos direta e indirectamente através de um conjunto de palavras como "país", "nação", "estado", "português", "pátria", "nacional", "nacionalismo", "comunidade". MS é que domina a utilização destas palavras (42) no discurso de 1986 mas é RE quem mais as utiliza de modo generalizado (38 em 1977 e 35 em 1985, contra 42 de MS em 1995 e 6 em 1995) mantendo ao longo dos dois mandatos um interesse equivalente na temática.
25 de abril	O tema do 25 de abril é tratado por ambos havendo inclusive um conjunto de palavras comuns ("liberdade", "livre", "Justiça", "paz", "esperança", "abril") para além de um outro bem diferenciado: RE ("dignidade", "autoritarismo", "ideais"); MS ("valores", "movimento patriótico", "responsabilidades", "fidelidade"). Estas são compreensíveis na medida em que

Tabela 5 – Indicador Temas Principais (Cont.)

Antepassados / ditadura	Este tema é tratado em 3 discursos e quase ausente no de 1995. E mais uma vez RE e MS têm palavras comuns ("crise", "dificuldades", "esforço", "problemas") mas é sobretudo pela diferença que se distinguem os seus discursos: RE num tom mais acutilante ("ditaduras", "agonias", "sacrifícios", "pão", "autoritarismo") e MS num tom mais polido ("contradições", "poder", "poderes").
Projecto democrático	Este tema é tratado transversalmente nos 4 discursos e por isso, também aqui se denota um conjunto de palavras comuns ("assembleia", "deputados", "instituições", "democracia", "democratas", "valores") e um outro de palavras dissemelhantes com RE a introduzir um conjunto de palavras associadas e emergentes do regime democrático ("direitos", "voto", "partido", "parlamentar") e MS a manter a mesma linha, vem recolocar a questão da democracia, sobretudo em 1995, ("viragem", "dignidade", "legítima") e do seu futuro, progresso e consolidação.
Mudança	É um tema introduzido por RE em 1985 a propósito do processo de desenvolvimento do país ("modernizar", "processo", "transição", "expansão", "evolução", "projecto") e a que MS dá continuidade embora reposicionando o tema sob a perspectiva dos problemas/riscos ("corrupção", "racismo", "fundamentalismos", "globalização").
Dimensão Internacional	RE assume este tema quase como central no seu discurso de 1985, época em que Portugal estava na eminência de aderir à CEE, mas também em que se davam por encerradas todas as negociações da descolonização ("abertura", "oportunidade", "africanos", "Europa", "comunitário"). Em 1995 MS faz um balanço e algumas reflexões e nesse enquadramento faz apenas uma referência ténue a este respeito ("comunidade europeia", "sombrio", "indefinição").
Futuro	Tema exclusivo do discurso de MS de 1986 onde o processo decorrido desde abril é analisado ("afirmação", "prosperidade", "progresso", "estabilidade", "separação de poderes") tendo em conta a importância da juventude ("jovens", "gerações", "educação") e os ideais da sociedade democrática ("solidariedade", "tolerância", "respeito").
Pensar Futuro	Tema exclusivo do discurso de MS de 1995 onde tudo é posto em causa ("nobreza da política") e sobretudo onde se questiona o passado recente e se deixam algumas reflexões para o futuro onde "nova" é a palavra-chave de um conjunto de outros chavões ("humanismo", "exigências", "pensamento livre", "desafios", "condições") mais uma vez a desempenhar pelos jovens.

Verificamos, a partir da análise dos discursos de Eanes e Soares que cada líder é associado a um conjunto de temas. Eanes está inevitavelmente associado à Revolução de Abril, à Democracia e à dimensão internacional (Europa/África) o que explica os enfoques em algumas temáticas como sejam o funcionamento da democracia, a importância da Assembleia da República e dos seus representantes (deputados) escolhidos pelo povo.

Em Soares encontramos essencialmente um tema de pano de fundo, o processo de democratização onde começa por

enaltecer os órgãos e instituições, o percurso e avanços alcançados para depois, mais tarde, vir colocar um conjunto de interrogações acerca do caminho que havia já sido percorrido.

Ora, nós sabemos que o carisma político resulta do reconhecimento, dedicação, seguidores, devoção ao inaudito e que isso implica vocação do líder carismático o qual surge, essencialmente, em momentos de crise (Camurça, Z., 1986). Contudo, e no caso em análise sabemos que a história política portuguesa vivida pelos dois presidentes foi verdadeiramente atribulada pelo que estiveram, a todo o tempo, reunidas as condições para que as suas lideranças fossem carismáticas e é nossa convicção que o foram, cada um há sua maneira e com suas especificidades.

Assim, as suas lideranças tiveram diferenças: Eanes tem um estilo militar, hierarquizado, objectivo, estratega, impositivo, e muito ligado à situação delicada do país (projeto democrático) com um regime embrionário e Soares tem um estilo mais ritualizado e protocolar, elíptico, metafórico, preocupado com o estado do país e com os rumos a seguir (futuro) e isso está bem patente quando os confrontamos pela acção (Figura 2) e inspiração aos seus seguidores (Figura 3).

Conclusões

Este artigo debruçou-se sobre a análise dos discursos do 25 de abril dos Presidentes RE e MS, dois protagonistas que refletem nos discursos características vincadas de poder carismático.

Sabemos que não é possível tirar conclusões de resultados apurados em função de uma amostra tão reduzida, mas isso efetivamente não nos impede a comprovação de um conjunto de palavras terminológicas utilizadas com recorrência por cada vez a dos líderes as quais estão temporalmente conotadas com períodos da história política, portanto o discurso também é tempo, o tempo em que ocorre.

Ramalho Eanes é um homem de acção e isso está bem patente nos verbos que utiliza e na força que lhes dá - sejam eles manifestações construtivas, de incapacidade ou competição -, por oposição Mário Soares que a este nível é muito mais comedido, sobretudo ao nível da acção construtiva.

A nível da liderança e na inspiração que transmitem aos seus seguidores podemos concluir que Ramalho Eanes

se abriga discursivamente no 'chapéu' da democracia e na panóplia de significações, valores e ideais para fazer engrandecer e chamar a si todos os portugueses, enquanto Mário Soares se foca no estado de desenvolvimento do país, decorrente da democracia e de novos interesses sociais dela provenientes, centrando-se nas gerações jovens como os 'obreiros' do futuro.

Ambos os Presidentes Ramalho Eanes e Mário Soares têm um perfil político carismático, como a mesma finalidade da manutenção do poder por recurso a estratégias autoritárias para legitimar o seu domínio

As conclusões agora apuradas são preliminares pois representam uma parte muito pequena do trabalho que estamos a levar em curso e que, é nossa convicção nos trará muitas revelações pertinentes.

Bibliografia

- BARDIN, L. (2012) – *Análise de Conteúdo*. Lisboa : Edições 70.
- BORD, Richard J. (2011) *Toward a Social-Psychological Theory of Charismatic Social Influence Processes*. Pennsylvania State University, Social Forces, September: pp. 485-497.
- Camurça, Zélia Sá Viana (1986) *Carisma e Liderança no Contexto de Autoridade e Poder*. Lima, Abdias. Capistrano: pp. 347-351.
- ESPÍRITO SANTO, P. (2006) 'A mensagem política na campanha das eleições presidenciais: análise de conteúdo dos slogans entre 1976 e 2006', in *Comunicação & Cultura*, n.º 2, pp. 83 – 101.
- ESPÍRITO SANTO, P. (2007) 'Comunicação política nos discursos presidenciais de tomada de posse: 1976-2006', in *Communication studies* n.º 2: pp. 185-215.
- ESPÍRITO SANTO, P. (2008) *Estudos de comunicação política Análise de conteúdo da mensagem na campanha e pós-campanha eleitoral nas eleições presidenciais*, Lisboa: ISCSP.
- ESPÍRITO SANTO, P. (2009) 'A mensagem nas eleições presidenciais portuguesas: o ciclo de debates televisivos de 2006', in *Communication Studies* n.º 5: pp. 151-171.
- SALGADO, Susana (2007) As Presidenciais de 2006: Reflexões sobre a interpretação da política nos jornais, in *Estudo de Comunicação*, ICS da Universidade de Lisboa, n.º1, pp. 232-249.
- SALGADO, Susana (2010) Os Candidatos Presidenciais -construção de imagens e discursos nos media (2006)", Coimbra: Ed. Minerva.
- FRIENDLAND, William H. (1964) *For a Sociological Concept of Charisma*. Volume 160 de Reprint series, University of North Carolina: pp. 18-26.
- GHISLANDI, M. A. (2007) 'Entre carisma e poder: a constituição de um território a partir do carisma de São Francisco de Assis' in *II Colóquio Nacional do NEER*, Salvador. Disponível em 22-01-2012 em <http://pt.scribd.com/doc/55281687/A-RELACAO-ENTRE-CARISMA-E-PODER>
- Neri de Souza, Francislê Pedro Costa, António e Moreira, António, Questionamento no Processo de Análise de Dados Qualitativos com apoio do *software WebQDA* In *EDUSER: revista de educação, Vol 3(1), 2011 Inovação na Educação com TIC*, Instituto Politécnico de Bragança – Escola Superior de Educação. Bragança, Portugal - *Eduser: http://www.eduser.ipb.pt ISSN 1645-4774*
- SERRANO, Estrela (2002) *As presidências abertas de Mário Soares: As estratégias e o aparelho de comunicação do Presidente da República*, Coimbra: Minerva.
- SERRANO, Estrela (2006) *Jornalismo político em Portugal: A cobertura de eleições presidenciais na imprensa e na televisão (1976-2001)*, Lisboa: Colibri.
- SCHONHARDT-BAILEY, CHERYL and Yager, Edward (2009), The rhetoric of presidents and prime ministers speeches, a textual analysis of Ronald Reagan's and Margaret Thatcher's speeches, The London School of Economics and Political Science (LSERO), London, UK
- Viviane Seyranian, Michelle C. Bligh (2008) Presidential charismatic leadership: Exploring the rhetoric of social change in School of Behavioral and Organizational Sciences, Claremont Graduate University, 123 East Eighth Street, Claremont, CA 91711, USA *The Leadership Quarterly* 19 (2008) 54–76
- WEBER, M. (2000) *A Política como Profissão*. Lisboa. Edições Universitárias Lusófonas.
- WEBER, M. (1983) *Fundamentos da Sociologia*. 2ª Ed. Porto: Ed. Rés.
- WEBER, M. in Cruz, M. Braga (1995) *Teorias Sociológicas*. Vol I. Lisboa: Ed. Fundação Calouste Gulbenkian.
- WODAK, Ruth (2009) 'The (Ir)rationality of politics', in *The Discourse of Politics in Action – Politics as Usual*. Londres: Macmillan, pp. 28-56.

ANEXOS

Tabela 1
Resumos estatísticos básicos da análise WebQDA para o nosso corpora

	Discursos de Ramalho Eanes e Mário Soares	Discursos de Ramalho Eanes	Discurso de Mário Soares
total de palavras	9.073	5.291	3.782
caracteres com espaços	59.073	34.629	24.444
palavras analisadas	501	226	275
número de discursos	4	2	2

Figura n.º 1

Coabitação entre os Presidentes da República e os Primeiros-Ministros					
Presidente da República	Mandato	Partido	Primeiro-ministro	Mandato	Partido
António dos Santos Ramalho Eanes (17º) Primeiro PR constitucionalmente eleito ao abrigo da Constituição de 1976)	14/07/1976 a 09/03/1986	Nenhum quando eleito (depois do Partido Renovador Democrático)	Vasco Fernando Leote de Almeida e Costa	23/6/1976 a 23/07/1976	Militar interino
			Mário Alberto Nobre Lopes Soares	23/7/1976 a 28/8/1978	PS
			Alfredo Nobre de Costa	28/8/1978 a 22/11/1978	Nomeação presidencial
			Carlos Alberto da Mota Pinto	22/11/1978 a 01/08/1979	Nomeação presidencial PSD
			Maria de Lourdes Ruivo da Silva Matos	1/8/1979 a 03/01/1980	Nomeação presidencial PSD
			Francisco Manuel Lumbrales de Sá	3/1/1980 a 04/12/1980	PSD
			Carneiro		
			Diogo Pinto de Freitas do Amaral (interino)	14/12/1980 a 4/12/1981	CDS
			Francisco Pinto Balsemão	9/1/1981 a 09/06/1983	PSD
			Mário Alberto Nobre Lopes Soares	9/6/1983 a 06/11/1985	PSD
			Anibal António Cavaco Silva	6/11/1985 a 28/10/1995	PSD
			Mário Alberto Nobre Lopes Soares (18º) Primeiro PR civil democraticamente eleito em mais de meio século	09-03-1986 a 09/03/1996	PS (suspendeu a filiação partidária enquanto presidente)
			António Manuel de Oliveira Guterres	28/10/1995 a 6/4/2002	PS

Figura 2

Anos	Ramalho Eanes		Mário Soares	
	1977	1985	1986	1995
verbos que manifestam acções construtivas	dar, merecer, organizar, servir, reabrir, reconhecer, construir, garantir.	deixar, assegurar, preservar, realizar, modernizar, mobilizar, conhecer, entender, prever, contar, escoar, contribuir	desenvolver, construir, criar, investir	actuar, concertada, construir, contribuir, designar, elaborar, existir, pensar, transformar
verbos que denunciam incapacidade (insucesso, gerir)	Derrotar, apagar, descuidar, fugir, esbanjar e iludir	impedir, partir, esquecer, confundir, delapidar, minimizar, desperdiçar, minimizar, negar	afastar, bater, deixar, demitir, erradicar, evitar, partir, perder	carece, abusar, contra, evitar, forjar, impedir, pesar, perda
palavras que denotam competição	conquista, violação, enfrentar, vencer, atingir, defender	acabar, ganhar, afirmação, aceitar, gerir, estabelecer, assegurar	afirmar, convencer, abrir, integrar, corrigir	acelerou, capaz, começar, combater, correr, lutar, melhor, regressar

Figura 3

	Ramalho Eanes		Mário Soares	
	1977	1985	1986	1995
Povo		Estado	Nacional	Democracia
país		dimensão	liberdade	Política
democracia		identidade	portugueses	Liberdade
abril		dignidade	estado	Portugal
liberdade		estabilidade	desenvolvimento	República
Estado		valores	futuro	mundo
Nação		condições	estabilidade	condições
política		capacidade	jovens	Social
responsabilidade		esperança	respeito	Revolução
segurança		adesão	esperança	abril
compromissos		modernização	igualdade	Humanos
recuperação		oportunidade	oportunidade	afirmação
soluções		universalista	estabilidade	participação
vencer		solidariedade	solidariedade	jovens
construir		democracia	europa	respeito